



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Arte atemporal

Em algumas ocasiões, compartilhei por aqui minha admiração por Quino e sua icônica e feminista personagem Mafalda. O quanto ela contribuiu para abrir os horizontes e espaços de (auto)reflexão desde a infância. Da tirinha do livro de português das séries iniciais do ensino fundamental ao ex-libris que marca as páginas dos livros da minha estante, lá está ela, fruto da imaginação e do esforço criativo do cartunista argentino.

Ontem, o doodle do Google lembrava e homenageava o artista por seu 90º

aniversário e foi irresistível escrever mais uma vez sobre os dois. Há dois anos, Quino se foi, mas deixou um marco atemporal com sua obra, que certamente atravessará ainda mais gerações. Na ilustração do navegador, ele aparece como tantas vezes retratou a menina inteligente e astuta em seus quadrinhos: reflexivo, em frente a um globo terrestre.

A sagaz moradora do bairro de San Telmo, em Buenos Aires, tem até um endereço em sua homenagem na capital argentina. Na Rua Chile, número 371, pertinho da antiga casa de Quino, uma placa avisa: "Mafalda viveu aqui". É lá, na esquina com a Rua Defensa, que fica a escultura em tamanho natural da personagem, ponto turístico dos mais procurados na cidade.

Com sua trupe — o irmão Guille e os amigos Felipe, Susanita, Miguelito e Manolito —, Mafalda mostrou ao mundo verdades duras, que todos sabem, mas de que poucos se dão conta. "Como sempre: o urgente não deixa tempo para o importante", pensava. Dúvidas daquelas de deixar qualquer pai sem resposta: "Certo, mas com que idade é preciso começar a maquiagem o espírito?" Ou que exigem um tempo para se recuperar após o baque inicial: "Mãe, quando você conheceu o papai, sentiu que as chamas da paixão a devoravam, ou só davam uma tostadinha?"

Em muitos países, a obra chegou a circular com restrições e não era recomendada para crianças. Foi o caso do período de ditadura franquista na Espanha. "Temos homens de princípios,

uma pena que nunca os deixem passar do princípio", escancarava a menina. "Todos acreditamos no país, o que não se sabe a essa altura é se o país acredita em nós."

Como muitos artistas que atingiram fama semelhante, Quino era avesso às câmeras e a entrevistas. Chegou a pendurar uma placa em seu escritório avisando sobre suas motivações: "Por motivos de timidez, não se aceita reportagem de qualquer tipo".

Ele contava ainda que optou pelo desenho em razão da dificuldade em falar. Nisso me identifiquei com ele. Consigo me expressar melhor pelas palavras escritas do que pelo discurso oral. Só gravo áudios nos aplicativos de mensagem eletrônicos quando estou muito irritada ou sem tempo, e quase sempre

me arrependo e penso que deveria ter usado a escrita.

Foram quase duas mil tiras publicadas estreladas por Mafalda, entre 1964 e 1973. Com o tempo, chegou até a se retratar vestido de prisioneiro, em roupa estampada por desenhos, em alusão à sensação de estigma ligado aos personagens que por tantos anos desenhou. Como compartilha Mafalda em um de seus momentos de melancolia, tem dias que a gente "quer viver sem perceber".

Mas, em seguida, provavelmente surgiria Susana, para levantar o ânimo no cômodo com um tantinho de arrogância: "Preciso que você me dê um conselho, Mafalda. Diga-me, o que posso fazer com uma personalidade tão interessante como a minha?"

» ISABELA BERROGAIN

Por definição, clubes são associações de pessoas que buscam dividir interesses em comum, realizando reuniões periódicas de caráter recreativo, cultural, artístico, político ou social. Nas sociedades mais antigas, existia o costume de organizações em grupos, que, por instinto, se uniam a partir de um interesse comum. Atualmente, os clubes, sejam de amantes de livros, sejam de adeptos a certo esporte, são peças fundamentais ao relacionamento social da comunidade. "Os clubes, independentemente de suas finalidades, têm sido promissores do acolhimento psíquico e do desenvolvimento emocional — simplesmente por promoverem um espaço de pertencimento e identificação", explica a psicóloga Natália Magalhães.

Para a engenheira Vanessa Santos, os clubes são ambientes acolhedores que ajudam no combate à timidez. Aos 41 anos, Vanessa faz parte do Clube Poliglota e do Clube Brasília Alumni UnB Toastmasters, conhecido como Brasília TM. Acompanhada de demais membros da comunidade, a engenheira participa, no Clube Poliglota, de diversas conversações que têm como intuito a prática de idiomas estrangeiros.

Apesar do objetivo central do grupo ser o aprendizado e o aprimoramento no uso de novas línguas, o clube tem um grande papel social para os integrantes. "Além da oportunidade de praticar e desenvolver habilidades, o Clube Poliglota Brasília me trouxe amigos na cidade, assim como nossa colaboração com os interesses comuns em diversos estados", relata Vanessa. Devido ao viés social, o grupo acaba sendo procurado também por estrangeiros que estão no país e querem conhecer brasileiros.

No Toastmasters, criado em 2016 por recém-formados da Universidade de Brasília (UnB), os integrantes buscam melhorar a capacidade de comunicação e oratória, bem como habilidades de liderança. Durante os encontros do clube, os participantes apresentam discursos preparados, além de serem desafiados a fazerem apresentações improvisadas, com temas divulgados na hora.

A atual presidente do Clube Toastmasters, Aletéia Melo, 42 anos, encontrou no grupo a oportunidade ideal de unir o social com o profissional. "No trabalho, eu precisava muito melhorar como líder e ampliar minha rede de amigos com as mesmas afinidades. Vi no Brasília TM pelo menos 30 pessoas querendo ampliar horizontes profissionais", diz Aletéia. "Essa descoberta das habilidades, a chance de praticar e adquirir confiança, a disposição generosa dos membros em contribuir e nos escutar e muitas outras ferramentas, tudo num ambiente extremamente seguro, só poderia ser a união perfeita para a avançada concreta dos profissionais membros. Sou imensamente grata e entusiasta dessa iniciativa", complementa.

Fora do âmbito profissional

Toda vez que eu consigo ir a um desses eventos, a minha rotina é muito melhor"

Clayton Mourão,
integrante do Joga Guarã

EM BUSCA DOS SENTIMENTOS DE PERTENCIMENTO E IDENTIFICAÇÃO, AS AGREMIÇÕES SÃO CADA VEZ MAIS PROCURADAS POR PESSOAS QUE TÊM INTERESSE EM SE CONECTAR COM OUTRAS QUE DIVIDEM ATIVIDADES EM COMUM

SAIBA MAIS

» No Brasil, os clubes voltados para a prática de esportes são os mais comuns. Dentro do mundo esportivo, os que mais se destacam são os destinados ao futebol. Nesta área, os clubes mais antigos são o Sport Club Rio Grande, criado em 19 de julho de 1900, e a Associação Atlética Ponte Preta, em 11 de agosto de 1900.

» Apesar da popularidade do futebol, os primeiros clubes esportivos do Brasil foram dedicados a atividades de remo. Um dos pioneiros foi o Clube de Regatas do Flamengo, fundado em 1895.

e em busca de divertimento, Luís Clayton Mourão, 23, encontrou nos clubes uma forma de se desconectar e relaxar. Nas noites de terça-feira, o gestor de políticas públicas se reúne com os demais integrantes do clube Joga Guarã para um encontro de amantes de jogos de tabuleiro. O grupo, que começou no WhatsApp, surgiu de uma iniciativa do criador Fabrício Cândido, no intuito de promover um espaço onde as pessoas se sentiriam à vontade para usufruir dos jogos de tabuleiro, interagir e fazer novas amizades e laços.

"Esses eventos me deram a liberdade de saber que eu não preciso ser muito amigo de uma pessoa para poder jogar um jogo de tabuleiro com ela, eu posso ir num evento de jogos e fazer novas amizades", compartilha o participante. Hoje, o Joga Guarã reúne de oito a 12 pessoas nos encontros semanais e chega a juntar de 25 a 30 pessoas nos eventos sazonais, realizados aos sábados e domingos.

Por mais que não consiga frequentar os encontros semanalmente, Mourão procura dar prioridade máxima às reuniões. "Toda vez que eu consigo ir a um desses eventos, a minha rotina é muito melhor, porque eu tenho um tempo fixo para desopilar minha cabeça", diz. "Eu gosto muito de manter uma rotina. Então, se toda terça-feira eu for ao jogo de tabuleiro, sinto que minha semana rende melhor. Consigo me desestressar, e é algo que ajuda até na minha jornada de trabalho", afirma.

Além da questão social, a participação em clubes transforma a vida dos participantes em diversos âmbitos e Fernando Gomes, de 42 anos, é um exemplo disso. Integrante do clube de ciclismo Calangos do Pedal, o representante comercial pedala em grupos há sete anos e está no Calangos há pouco mais de um ano. "A vida de quem se torna um ciclista melhora em todos os sentidos", garante.

A maior transformação do atleta foi física. Quando começou a pedalar frequentemente, o ciclista emagreceu 20 quilos. "Eu estava com todos os sintomas de uma pessoa que viveria uns 20 anos a menos. No final de 2016, meu checape de saúde deu de tudo, desde colesterol alto à gordura no fígado", recorda. "Quando retornei [após o emagrecimento], o médico me perguntou qual era a receita. Eu respondi: "Foi a bicicleta, doutor", conta.

Transformação

Relembrando os momentos mais marcantes do clube, Fernando Gomes destaca a ocasião em que o Calangos do Pedal ajudou a comunidade do Distrito Federal. "Na região do Gama, a chuva derrubou a ponte Trilha Mata Coronel, que era utilizada para ir até a escola e a igreja. Essa ponte cruzava o rio de um lado ao outro e, depois que caiu, os alunos precisavam dar uma volta de 30km de ônibus para chegar na escola", lembra o ciclista. Antes do acidente, os moradores gastavam apenas 10 minutos para atravessar o rio. Diante da situação, o clube decidiu fazer uma vaquinha para a reconstrução da ponte. A empatia dos integrantes com a situação e a união do grupo resultou no arrecadamento de mais de R\$ 9 mil, possibilitando a reforma.



Arquivo pessoal

Integrantes do clube de ciclistas Calangos do Pedal



Integrantes do clube de jogos de tabuleiro Joga Guarã



Giovanna Gati Neri

Participantes do Clube Brasília Alumni UnB Toastmasters